

Pêcheux e Voloshinov (/Bakhtin): leituras de Saussure

(Pêcheux et Voloshinov (/Bakhtine): lectures de Saussure)

Claudiana Narzetti¹

¹Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara) / Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM)

cn.narzetti@uol.com.br

Resumé: Ce travail traite des lectures que, opportunément, Pêcheux et Voloshinov (membre du Cercle de Bakhtin) ont fait de Saussure et du *Cours de Linguistique Générale*. Nos objectifs généraux sont indiquer: les points où ces lectures se différencient, et même divergent; les points où ces lectures s'approchent; et, encore, les facteurs qui ont déterminé les interprétations des deux auteurs mentionnés concernant Saussure et le CLG. Comme nous démontrerons, les conceptions épistémologiques et philosophiques propres de ces auteurs ont déterminé leurs différentes compréhensions et appréciations des thèses saussuriennes.

Mots-clés: Histoire de l'Analyse du Discours; Pêcheux; Voloshinov; Cercle de Bakhtine; Saussure.

Resumo: Neste trabalho, trataremos das leituras que, a seu tempo, Pêcheux e Voloshinov (membro do Círculo de Bakhtin) fizeram de Saussure e do *Curso de Linguística Geral* (CLG). Nossos objetivos gerais são apontar: os pontos em que essas leituras se diferenciam, e mesmo divergem; os pontos em que essas leituras se aproximam; e, ainda, os fatores que determinaram as interpretações dos dois autores mencionados acerca de Saussure e do CLG. Segundo demonstraremos, as concepções epistemológicas e filosóficas próprias desses pensadores determinaram em grande parte suas diferentes compreensões e apreciações das teses saussurianas.

Palavras-chave: História da Análise do Discurso; Pêcheux; Voloshinov; Círculo de Bakhtin; Saussure.

Considerações iniciais

Michel Pêcheux e Valentin Voloshinov (um dos estudiosos do Círculo de Bakhtin) são autores que, em sua reflexão sobre a linguagem, travaram um diálogo com Ferdinand de Saussure.¹ Tal diálogo foi, para esses filósofos, determinado por um mesmo objetivo: construir o objeto de suas teorias. Através de uma leitura crítica das teses de Saussure apresentadas no *Curso de Linguística Geral* (CLG), eles puderam eleger aquilo que na teoria do fundador da Linguística moderna permitiria avançar na reflexão acerca de seus problemas específicos e descartar aquilo que se apresentava, segundo seus pontos de vista, como erros ou falhas.

As leituras que Pêcheux e Voloshinov² fizeram de Saussure, no entanto, nem sempre se aproximaram. De fato, trata-se de *duas leituras* de Saussure, conforme Gregolin (2006).

¹ Dentre os estudiosos do Círculo de Bakhtin, também Mikhail Bakhtin estabeleceu um diálogo com Saussure e a Linguística. Isso é evidente em *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2002), "O discurso no romance" (BAKHTIN, 1993) e "Os gêneros do discurso" (BAKHTIN, 1992). No entanto, devido a nossos objetivos específicos, trataremos aqui apenas das interpretações de Saussure apresentadas em *Marxismo e filosofia da linguagem*, tomando Voloshinov como seu autor.

² A leitura de Voloshinov acerca de Saussure, bem como suas posições sobre a Linguística, são compartilhadas pelo grupo bakhtiniano, não sendo, portanto, exclusivas de Voloshinov. Além disso, elas parecem resultar de uma reflexão comum e pautada em princípios teóricos próximos.

Isso é perfeitamente compreensível se temos em conta que são pensadores de países distintos, que produziram em épocas distintas e dialogaram com diferentes referenciais.

Sendo assim, trataremos, neste trabalho, das leituras que, a seu tempo, Pêcheux e Voloshinov fizeram de Saussure e do CLG, tentando apontar as determinações dessa diferença. Adiantamos que as concepções epistemológicas desses filósofos determinaram em grande parte essa diferente leitura. Certamente, muitos outros fatores (de natureza não epistemológica) determinaram as distintas leituras, mas não é nosso objetivo tratar delas aqui. Ressaltamos, porém, que há pontos em que as posições de Pêcheux e Voloshinov acerca de certas teses saussurianas se aproximam, os quais serão também examinados.

Por uma breve contextualização

Como dissemos acima, Pêcheux e Voloshinov leram Saussure em lugares e épocas distintas, a partir de um referencial teórico-epistemológico distinto. Mas, além disso — o que vem a tornar a questão ainda mais complexa —, esses filósofos leram Saussure no momento em que outros autores também o liam e dele faziam suas interpretações e apropriações. No caso de Pêcheux, há uma convergência de suas posições com as da maioria dos estudiosos franceses contemporâneos. No caso de Voloshinov, há uma divergência bastante acentuada em relação a certos grupos russos contemporâneos.

Pêcheux lê Saussure na década de 1960, na França, no contexto do movimento estruturalista. O referencial teórico-epistemológico dessa leitura é a *epistemologia histórica francesa* conforme formulada por Bachelard e Canguilhem, bem como o *materialismo histórico e dialético* conforme pensado por Althusser. São vários os trabalhos em que Pêcheux trata de Saussure: desde o seu primeiro artigo até os últimos há referência a Saussure e à Linguística, o que se explica pelo fato de que, além de pensar as condições de uma Análise do discurso, Pêcheux também pensava a história da Linguística.

Voloshinov, por sua vez, tomou contato com a obra de Saussure na década de 20, provavelmente quando o Círculo de Bakhtin se reunia na cidade de Leningrado (1924-1929). Os dados que sustentam nossa hipótese são: a) segundo Faraco (2006a), nessa época o grupo deu “uma virada linguística” em suas preocupações teóricas, que antes eram prioritariamente filosóficas; b) segundo informa Voloshinov, na própria obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), a edição do *Curso de Linguística Geral* que eles leram era a 2ª edição francesa, de 1922; c) as considerações sobre as ideias de Saussure, bem como sobre a história da Linguística, expostas em MFL, embasam-se em vários trabalhos publicados nessa época: “A crise da linguística contemporânea” (1927) e *A linguagem e a sociedade* (1926), de R. Schorr; “Linguística geral” (1923) e “A língua como manifestação social” (1927), ambos de M. Peterson, são os mais citados. É em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1979) que Voloshinov trata direta e detidamente de Saussure.

Segundo a eslavista Inna Ageeva (2009), nas décadas de 1920-1930, na Rússia, tomava corpo no campo das ciências da linguagem um movimento que visava justamente a redefinir o objeto de estudo da Linguística, repensar sua teoria e propor novas metodologias. Esse movimento se devia a uma crise das abordagens histórico-comparativas e neogramáticas. Segundo Ivanova (2003, p. 6): “Au début du XXème siècle les linguistes russes se sont tournés vers les problèmes généraux du langage. Par exemple, les problèmes de la langue et de la pensée, de l’individuel et du social dans la langue”. Conforme a referida autora,

essas novas questões teóricas são relacionadas à existência de uma orientação sociológica da Linguística na Rússia ligada à metodologia marxista, que se configurava como novo paradigma científico desde a Revolução de 1917. A Linguística passava a pensar mais profundamente os problemas ligados às relações entre linguagem e sociedade.

A obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Bakhtin/Voloshinov, apresenta-se como um exemplo de um trabalho comum nesse contexto: a construção de um novo objeto e de uma nova metodologia para a Linguística. Podemos dizer que na obra há um percurso teórico-epistemológico dividido em três etapas. A primeira consiste em encontrar aquilo que, apresentando-se como a “essência” da linguagem, deveria constituir o objeto de estudo de uma teoria sobre a linguagem, o que passa pelo exame do modo como o pensamento linguístico tratou da questão. A segunda consiste em, já de posse de uma formulação acerca da “essência” da linguagem e, portanto, do objeto legítimo de investigação, descrever todas as características e facetas desse objeto. A terceira, por sua vez, consiste em desenvolver uma série de outros conceitos e noções que permitam pensar esse objeto e os problemas suscitados por ele.

Segundo Ageeva (2009), uma das características desse movimento de redirecionamento da Linguística foi a referência generalizada ao *Curso de Linguística Geral*, de Saussure. De fato, a leitura de Saussure era obrigatória, pois as alternativas ensaiadas pelos pensadores engajados nesse movimento, os quais formavam os diversos Círculos Linguísticos (de Praga, de Moscou, de Leningrado), deviam sempre passar pelo exame das propostas do referido autor (as quais se apresentavam a si mesmas como sendo uma alternativa, mesmo uma superação, para os estudos histórico-comparativos e neogramáticos). Conforme Ageeva (2009, p. 79), “la théorie de Saussure a suscité un grand intérêt chez les linguistes russes préoccupés par la recherche de nouveaux principes fondamentaux de la linguistique théorique marxiste” e também da Linguística geral.

Entretanto, esse interesse nem sempre significava aceitação das ideias saussurianas, como é o caso da posição de Voloshinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Isso é natural, dado que, segundo Ageeva (2009), havia duas atitudes frente às ideias do *Curso de Linguística Geral*: uma que as recebia favoravelmente (os linguistas de Moscou) e uma que as rejeitava peremptoriamente (os linguistas de Leningrado). A atitude de Voloshinov é conforme a esta última.

Os princípios teóricos e filosófico-epistemológicos que regem essa leitura são bastante variados: traços de romantismo alemão, humboldtianismo, empirismo estão aí presentes, além de uma concepção filosófica construída pelo grupo de Bakhtin na sua fase de reflexão filosófica quase exclusiva. Apontaremos, no momento oportuno, os lugares onde esses princípios se fazem agir.

A história da Linguística e o papel de Saussure

Pêcheux e Voloshinov demonstram ter uma compreensão bastante diferente da história da Linguística. E isso acarreta também diferenças no modo como analisam o papel de Saussure nessa história.

Para Pêcheux, a Linguística se fundara como ciência no século XX, com Saussure e o CLG, separando-se de um passado *não-científico*, ou, nos termos do Pêcheux epistemólogo, *ideológico*. Pêcheux (1999, p. 9) afirma que, em sua tarefa de buscar a ordem da língua,

“Saussure pôs-se a *pensar contra seu tempo*, rompendo com uma série de interrogações pré-linguísticas sobre a linguagem e suas determinações biológicas, lógicas, sócio-históricas ou filosóficas”. Pêcheux, seguindo Bachelard e Canguilhem, entendia que uma ciência é inaugurada por meio de um corte epistemológico, uma ruptura, que a separa de seu passado. Saussure, para Pêcheux, bem como para os teóricos do movimento estruturalista, foi quem efetuou esse corte, pois a origem da Linguística científica “pode ser marcada com o *Curso de Linguística Geral...*” (PÊCHEUX, 1997b, p. 61).

Para Voloshinov, a Linguística é uma ciência constituída (na verdade, não é sua preocupação, como não era de seu grupo, discutir o problema da cientificidade de um campo, ou o da distinção entre conhecimentos científicos e não-científicos). Ela se desenvolve por uma dialética, uma concorrência, entre duas correntes dominantes que teriam concepções contrárias a respeito da linguagem e aquilo que, sendo sua *essência*, deveria ser seu objeto de investigação. Para Voloshinov (1979), importa mais apontar a emergência das duas correntes e as teses de cada uma quanto a determinados conceitos. Essas duas correntes são denominadas de “subjetivismo idealista” e “objetivismo abstrato”.

De acordo com essas posições, o filósofo russo afirma que Saussure é o principal sistematizador e sintetizador das ideias da segunda corrente acima mencionada, o objetivismo abstrato.

A chamada escola de Genebra, como Ferdinand de Saussure, mostra-se como a mais brilhante expressão do objetivismo abstrato em nosso tempo [...]. Saussure deu a todas as ideias da segunda orientação uma clareza e uma precisão admiráveis. Suas formulações dos conceitos de base da linguística tornaram-se clássicas. E mais, ele levou todas suas reflexões a seu termo, dotando assim os traços essenciais do objetivismo abstrato de uma limpidez e de um rigor excepcionais. (VOLOSHINOV, 1979, p. 70)

Apesar da fidelidade com que expõe as ideias do genebrino (e da tradição da qual ele seria herdeiro), e do respeito por seu prestígio dentre muitos linguistas, inclusive na Rússia, Voloshinov descarta veementemente tais ideias como pertinentes para uma filosofia da linguagem tal como a concebia.

O conceito saussuriano de língua

O principal alvo da crítica de Voloshinov, quanto às teses de Saussure e de sua corrente de pensamento, é o conceito de *língua*. Em sua argumentação, faz-se presente uma análise bastante interessante acerca do processo de produção do referido conceito.

Trataremos, primeiramente, porém, da leitura que Pêcheux fez a respeito da produção desse conceito por Saussure. Para o filósofo francês, como dissemos acima, a produção de tal conceito foi primordial para a fundação da Linguística científica, uma vez que, segundo o autor, toda ciência só se funda com a produção de seu objeto. E, além disso, a produção de tal objeto proporcionou à Linguística formular um método e desenvolver esse núcleo de conhecimentos científicos produzidos. Para Pêcheux (1999), Saussure foi aquele que se ocupou da tarefa de encontrar o *real da língua*, a *ordem própria da língua*, e conseguiu realizar a contento tal tarefa, tendo inaugurado, assim, a possibilidade de constituir os campos da fonologia, da morfologia e da sintaxe (Cf. HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007).

Já Voloshinov entende que Saussure elegeu como objeto de estudos do campo linguístico aquilo que sua tradição já havia encontrado: a língua entendida como sistema de formas linguísticas estáveis e normativas. Desse modo, o autor do CLG apenas teria adotado um objeto já construído. Segundo o pensador russo, o problema é que esse objeto estaria, desde as suas bases, mal formulado.

Sendo assim, critica duas afirmações de Saussure a respeito do conceito de língua. A primeira é que a língua, tal como a pensa o genebrino, seria um fato objetivo. Lançando a questão: “em que medida um sistema de normas imutáveis [...] conforma-se à realidade?”, Voloshinov (1979, p. 77) argumenta que:

Dizer que a língua, como sistema de normas imutáveis e incontestáveis, possui uma existência objetiva é cometer um grave erro. Mas exprime-se uma relação perfeitamente objetiva quando se diz que a língua constitui, relativamente à consciência individual, um sistema de normas imutáveis, que é esse o modo de existência da língua para todo membro de uma comunidade linguística dada.

A segunda crítica se direciona à afirmação de que a língua seria um sistema de formas estáveis, mesmo imutáveis. Quanto a esse ponto da definição saussuriana de língua, Voloshinov (1979, p. 76) afirma:

Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, depararemos com a evolução ininterrupta das normas da língua.

Resumindo, para o pensador russo, o conceito saussuriano de língua é o resultado de uma abstração ilegítima, que não encontra equivalente no mundo real, no mundo da vida, só podendo, em consequência, ser falso. A língua, como definida por Saussure, não representa a “essência da linguagem”, que está em constante movimento. A definição saussuriana de língua, enquanto sistema de formas estáveis, segundo Voloshinov, não seria uma definição rigorosa e condizente com a realidade, mas uma definição que apenas reproduz a concepção que o falante comum tem da língua – este último, por não conhecer a história de sua língua e não ter consciência das mudanças que ela sofreu ao longo do tempo, realmente a concebe como um sistema de formas estáveis ou mesmo imutáveis. Pêcheux (1997b, p. 62) tem uma posição contrária a essa: afirma que o gesto de Saussure separou a “homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem”, ou seja, introduziu um deslocamento conceitual que permitiu definir a língua por meio de um trabalho do pensamento que não se confunde em nada com a concepção que o falante comum tem da língua que fala.

Essas duas críticas, a nosso ver, são coerentes com a orientação filosófico-epistemológica do Círculo de Bakhtin, e mesmo com suas concepções particulares do fato linguístico. Essa orientação filosófico-epistemológica pressupõe que todo objeto do conhecimento deva ser compatível com o objeto real, tal como ele se apresenta aos sujeitos, e não uma abstração. Essa posição está bem próxima do empirismo. A seguinte passagem de Voloshinov (1979, p. 55) parece confirmar nossa tese: “No início do trabalho heurístico, não é tanto a inteligência que procura, construindo fórmulas e definições, mas os olhos e as mãos, esforçando-se por captar a natureza real do objeto”. Esse empirismo está de

acordo com as teses do romantismo alemão, para quem o “mundo da vida” deveria ser representado enquanto tal no mundo da teoria, em vez de ser representado através de uma sistematização que perdesse seus caracteres essenciais, suas sutilezas, suas singularidades. Além disso, qualquer reflexão teórica deveria dar preferência à compreensão e descrição do individual, do singular, do irrepitível, posição caracterizadora da chamada Filosofia da Vida.

As críticas ao conceito de língua de Saussure não se sustentam apenas sobre os elementos mencionados; acima de tudo elas se embasam na própria concepção de língua assumida por Voloshinov (realidade em ininterrupta evolução), herdeira do subjetivismo idealista, corrente do pensamento linguístico que se opõe ao objetivismo abstrato, segundo Voloshinov. De fato, conforme descreveu Faraco (2006b) na metáfora do “coração humboldtiano” de (Bakhtin/Voloshinov, nota-se no pensamento do Círculo uma tendência maior para as teses do subjetivismo idealista acerca da linguagem (o que não anula as críticas do grupo bakhtiniano a posições dessa corrente de pensamento). Embasados, assim, nas teses do romantismo alemão e do subjetivismo idealista, Voloshinov, bem como o grupo bakhtiniano, concebem a língua não como algo estável, mesmo imutável, mas sim um fenômeno em constante mudança e variação.

As posições de Bakhtin e de Pêcheux quanto ao conceito de língua de Saussure são, realmente, distintas. O fato de Pêcheux entender que esse conceito foi bem formulado, a ponto de ter permitido o desenvolvimento da Linguística, deve-se a sua concepção de objeto de conhecimento, bem próxima daquela do genebrino. Para o filósofo francês, seguindo Althusser, haveria uma distinção entre objeto real e objeto do conhecimento. Este último seria resultado de uma construção do pensamento, e não se identificaria com nenhum objeto sensível. Pêcheux concorda com a máxima de Saussure: “O ponto de vista cria o objeto”. Além disso, para Pêcheux, o processo de construção (enquanto trabalho do pensamento) de um objeto teórico não reproduziria evidências oferecidas pelo senso comum acerca dele. Voloshinov tem uma concepção diferente de objeto do conhecimento. Para ele, este deve ser definido conforme se apresenta objetiva e concretamente, sem que se façam abstrações de seus elementos constitutivos. O objeto de reflexão teórica deve captar a essência do objeto real. Em suma, trata-se de uma oposição entre uma *perspectiva empirista*, para a qual a definição adequada deve estar em conformidade com o real, e uma *perspectiva materialista dialética*, tal como formulada por Althusser.

O problema da história da língua

Voloshinov, prosseguindo na crítica ao conceito de língua proposto por Saussure, critica-o por não tratar adequadamente o problema da mudança das formas da língua, ou da história da língua (devido a sua posição, segundo o filósofo russo, de que tudo na língua permanece estável).

Para Voloshinov, Saussure opõe sistema e história. Isso se explicaria pelo fato de Saussure postular que, enquanto há uma lógica regendo as relações entre as formas linguísticas de um dado estado de língua, ou seja, em dada sincronia, há uma ausência de lógica quando se trata das relações entre formas linguísticas que se substituem ao longo do tempo, ou seja, em relação diacrônica.

Entre a lógica que governa o sistema de formas linguísticas num determinado momento da história e a lógica (ou antes, a ausência de lógica) da evolução histórica destas formas, nada pode haver de comum. São duas lógicas diferentes. Ou melhor, se nós reconhecemos uma como sendo lógica, então a outra deve ser definida como alógica, isto é, como a negação pura e simples da lógica estabelecida. (VOLOSHINOV, 1979, p. 65)

Criticando a tese saussuriana de que a causa da mudança histórica das formas seria o processo da analogia, Voloshinov afirma que isso significaria que a história da língua seria regida pelo mero acaso, já que resultado de um erro fortuito dos falantes, erro regido pelo fenômeno analógico. Voloshinov (1979, p. 94), por entender que “a língua é um fenômeno puramente histórico”, não pode aceitar uma explicação tão inadequada quanto a dada por Saussure. A incapacidade do objetivismo abstrato e de Saussure de entenderem a língua como fenômeno histórico (entendendo-a, ao contrário, como fenômeno estável e “imutável”) e de explicarem as causas da sua mudança no tempo é uma falha imperdoável para o grupo bakhtiniano.

Isso leva Voloshinov a se lançar na busca da explicação histórica de tal incapacidade, tomando por base a tese de Marr, segundo a qual o pensamento linguístico europeu é tributário dos pressupostos e métodos da filologia. O autor atribui essa elisão do estudo dos aspectos históricos da língua, operada pelo objetivismo abstrato e por Saussure, à conjunção de certas noções e métodos do racionalismo cartesiano e da filologia. Do cartesianismo, Saussure teria herdado a concepção de língua enquanto sistema de formas regido por leis imanentes, inspirado no modelo do código matemático. Segundo Voloshinov (1979, p. 68):

Ao espírito orientado para a matemática, dos racionalistas, o que interessa não é a relação do signo com a realidade por ele refletida ou com o indivíduo que o engendra, mas a relação de signo para signo no interior de um sistema fechado, e não obstante aceito e integrado. Em outras palavras, só lhes interessa a lógica interna do próprio sistema de signos [...].

Da filologia, Saussure e sua corrente de pensamento teriam herdado a concepção da língua como composta por formas estáveis, imutáveis, imune a mudanças. Para Voloshinov, isso se explicaria pelo fato de os dados analisados pelos filólogos se constituírem de inscrições redigidas em línguas mortas, cujas formas constituintes seriam de fato imutáveis. Seu procedimento, visando à compreensão do sentido dessas inscrições e, posteriormente, ao ensino daquilo que foi decifrado, consistia em apenas classificá-las em categorias tais como fonemas, morfemas e sintagmas. A reflexão linguística, expandindo o procedimento filológico para o estudo das línguas naturais, foi, segundo Voloshinov (1979, p. 89), “coagida a adotar em relação às línguas vivas uma posição conservadora e acadêmica, isto é, a tratar a língua viva como se fosse algo acabado, o que implica uma atitude hostil em relação a todas as inovações linguísticas”.

Segundo Marcellesi e Gardin (1975), Voloshinov entenderia que a noção de língua como sistema sincrônico elaborada pela Linguística moderna, com Saussure, seria apenas uma teorização dessa prática do filólogo. Interpretando as teses de Voloshinov a partir da problemática da oposição entre ideologia e ciência, muito corrente na França dos anos 1960-1970, os autores afirmam: “A noção de sistema sincrônico seria pois paradoxalmente uma noção *ideológica*, reflexo da continuidade prática entre linguística e filologia” (Cf. MARCELLESI; GARDIN, 1975, p. 111, grifo nosso).

De todos esses fatores, teria resultado, no ver de Voloshinov, a completa e autoritária exclusão, por Saussure, da abordagem histórica da língua, ou seja, da mudança das formas no tempo e das motivações dessa mudança. Voloshinov (1979, p. 73) radicaliza sua crítica a Saussure, chegando a afirmar que, para este, “a história é um domínio irracional que corrompe a pureza lógica do sistema linguístico”.

Mais uma vez pode-se identificar que a crítica feita pelo autor se sustenta na adesão às teses do subjetivismo idealista. Segundo Voloshinov (1979, p. 67-8), essa corrente do pensamento linguístico entenderia que: “Entre um momento particular da vida de uma língua e sua história se estabelece uma comunhão total. As mesmas motivações ideológicas reinam numa e noutra parte” e que, além disso, importa mais a história da língua do que sua configuração estática. Essas teses, certamente, são caras ao grupo de Bakhtin,³ para quem:

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas. [...] Para ele, o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. [...] Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. (VOLOSHINOV, 1979, p. 78-9)

Por todos esses motivos, Voloshinov descarta enfaticamente qualquer referência às teses do objetivismo abstrato e de Saussure na construção de uma teoria da linguagem que se dê por objeto o uso concreto da língua, sob a forma de enunciados/enunciações. As ideias dessa corrente, radicalmente equivocadas, deveriam ser abandonadas.

Segundo Flores (1998, p. 20):

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* o que se tem não é apenas uma crítica ao objetivismo abstrato, mas uma negação do paradigma estruturalista como uma forma de estudar a língua. Isso fica evidente quando da proposta de substituir tal abordagem pela ideia de interação verbal a qual, por sua vez, contemplaria a língua em sua realidade, ou seja, o diálogo.

Para Pêcheux (1988, p. 23), a definição de língua formulada por Saussure (sistema de formas estáveis regidas por leis imanentes) foi a condição de possibilidade de constituir o objeto da Linguística. Em outras palavras, a Linguística se constituiu como ciência a partir da assunção dessa concepção de língua.

Pêcheux, quando trata do pensamento de Saussure, não apresenta objeções ao seu conceito de língua, e não questiona o fato de esse objeto ser tomado como a-histórico. Tal posição é derivada de uma tese de Pêcheux: a língua não é histórica, no sentido de que é “indiferente” à divisão da sociedade em classes. Para ele, o lugar de intervenção da história, enquanto luta de classes, é o *discurso*. No *discurso*, são representadas as posições ideológicas das classes em conflito; no *discurso*, as classes travam sua luta ideológica.

Mas, mais importante que isso, o conceito saussuriano de língua é pensado em relação com a teoria do discurso desenvolvida por Pêcheux, o que significa dizer que o pensamento saussuriano é constitutivo da teoria do discurso. A língua, na teoria do discurso,

³ Evidentemente, como frisamos anteriormente, os autores não comungam todas as teses dos subjetivistas. A sua posição de que a mudança das formas da língua seria determinada pela consciência individual é um dos alvos de crítica.

representa “a *base* comum de *processos discursivos* diferenciados” (PÊCHEUX, 1988, p. 91). Isso significa que os grupos sociais não têm línguas distintas, mas discursos distintos construídos sobre a base dessa mesma língua.

Os resultados dos estudos sistêmicos da língua, ou seja, das formas linguísticas em sua imanência, devem ser, conforme Pêcheux, aproveitados na teorização dos processos discursivos e na descrição dos fenômenos que aí tomam lugar. Exemplo, o pré-construído, fenômeno discursivo, é materializado na forma de orações adjetivas e nominalizações. A abordagem de questões linguísticas como a oposição entre *determinação* e *explicação*, mecanismos que pertencem ao sistema linguístico, segundo Pêcheux (1988, p. 91), “pertencem à região de articulação da Linguística como a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos”, ou seja, à teoria do discurso, conforme pensada pelo filósofo francês.

O problema do sentido

O modo de Saussure e o objetivismo abstrato abordarem o problema do sentido também é alvo das críticas de Voloshinov. Para este, a teoria saussuriana salientaria o aspecto da unicidade da palavra em detrimento do seu aspecto polissêmico. Tal opção seria herdeira, tal como o caso acima exposto, dos procedimentos do filólogo, que, após alinhar os contextos possíveis de uma palavra, procederia a uma identificação dos seus aspectos normativos, tendo em vista o fim último de colocá-la num dicionário. Esse processo apagaria justamente o aspecto polissêmico da palavra. E, pior, a consequência disso seria a criação do mito da palavra como decalque do real. Vejamos:

Esse trabalho do linguista torna-se ainda mais complicado pelo fato de que ele cria a ficção de um recorte único da realidade, que se reflete na língua. É o objeto único, sempre idêntico a si próprio, que garante a unicidade do sentido. A ficção da palavra como decalque da realidade ajuda ainda mais a congelar sua significação. (VOLOSHINOV, 1979, p. 92)

Outra falha do objetivismo abstrato e de Saussure, segundo Voloshinov (1979, p. 82), seria o fato de retirar das formas da língua o seu conteúdo ideológico, e privilegiar o seu aspecto normativo. Ora, para o autor, o uso prático das formas linguísticas pelos falantes é determinado justamente por esse conteúdo e não pela conformidade à norma. Assim, Voloshinov critica a teoria saussuriana por não explicar certos aspectos dos enunciados como o seu valor de verdade, seu caráter poético, etc.

A argumentação de Voloshinov a respeito dos problemas da abordagem de Saussure acerca não só da história da língua, mas também do sentido, embasa-se, como vimos, no pressuposto da grande ascendência da filologia sobre a Linguística. Para o autor russo, parece, o gramático, o filólogo e o linguista têm tarefas idênticas, ou, ainda, não há uma distinção da “prática linguística” (isto é, a forma de abordagem da língua), desses três gêneros de estudiosos da linguagem. Voloshinov não identifica, assim, nenhuma novidade ou descontinuidade no pensamento saussuriano.

Pêcheux faz uma leitura bastante diferente quanto ao modo como o problema do sentido é abordado pela teoria de Saussure. Em primeiro lugar, Pêcheux, contrariamente a Voloshinov, entende que a teoria saussuriana rompeu com a preocupação da relação do signo com o objeto que ele representa, tendo optado por tratar apenas da relação entre as duas faces do signo: o significante e o significado, e das relações entre os signos no interior

do sistema linguístico. Quanto a isso, Pêcheux (1997b, p. 64) entende que a noção de biunivocidade da relação significante-significado

[...] pertence a um campo teórico pré-saussuriano, já que a linguística atual se baseia em grande parte sobre a ideia de que um termo só tem sentido em uma *língua* porque ele tem vários sentidos, o que significa negar que a relação entre significante e significado seja biunívoca.

Em segundo lugar, e esse ponto é central, a teoria saussuriana, na visão de Pêcheux, teria o seu núcleo científico exatamente num conceito que está ligado ao problema do sentido: o conceito de *valor* e a tese da subordinação da significação ao valor. Vejamos:

O princípio da subordinação da significação ao valor pode ser considerado como o núcleo da ruptura saussuriana. É esse princípio, estreitamente ligado à ideia de língua como sistema, que abre a possibilidade de uma teoria geral da língua [...]. (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 17)

Na leitura de Pêcheux, a teoria do valor e a tese da subordinação da significação ao valor é o centro da ruptura saussuriana, porque descarta o estudo da significação, do sentido, adotando o estudo do *valor* das formas da língua, já que “a significação é da ordem da fala e do sujeito, só o valor diz respeito à língua” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 17). O valor é sempre definido em função da relação com outras formas, através do processo da oposição e da diferenciação, podendo ser descrito pelo estudo imanente do sistema. Segundo Haroche, Henry e Pêcheux (2007, p. 17), “a subordinação da significação ao valor [...] tem precisamente por efeito interromper bruscamente todo retorno ao sujeito quando se trata da língua”. A teoria do valor elimina, assim, qualquer necessidade de apelo às intenções do falante.

Consequentemente, para Pêcheux (1988, p. 88), “se a Linguística se constituiu como ciência [...] foi, precisamente, no interior de um constante debate sobre a questão do sentido, sobre a melhor forma de *banir de suas fronteiras a questão do sentido*”, já que este seria da ordem da fala.

A eliminação do apelo ao sujeito e sua intenção quando se trata de *atos de língua* é, certamente, muito cara a Pêcheux. Ela coaduna com a tese geral do estruturalismo, a qual é adotada por Pêcheux em sua teoria do discurso, segundo a qual os sujeitos não são senhores de suas palavras, de suas escolhas, de sua consciência, mas são, ao contrário, ignorantes das (e submetidos às) causas que os determinam (Cf. PÊCHEUX, 1997a, p. 314).

Vale ressaltar, ainda, que a existência de uma fronteira muito bem delimitada entre as práticas do linguista, do gramático e do filólogo nos anos 60 na França subsidia a posição de Pêcheux segundo a qual Saussure rompeu com a prática e os pressupostos da filologia (Cf. HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007), diferentemente do que defendia Voloshinov.

Evidentemente, a leitura feita por Pêcheux não se faz somente de concordâncias com as ideias de Saussure, ela se faz também de discordâncias. Para Pêcheux, a ruptura saussuriana não foi suficiente para fundar a semântica: esse é um lugar da teoria saussuriana marcado por concepções pré-científicas, tais como: “a ideia não poderia ser de outra forma senão totalmente subjetiva, individual” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 16-7). Em segundo lugar porque, o sentido, diferentemente do fonema, do morfema

e do sintagma, é constituído não apenas por elementos linguísticos, mas, sobretudo, por elementos extralinguísticos. Segundo Haroche, Henry e Pêcheux (2007, p. 20), “o laço que liga as ‘significações’ de um texto às condições sócio-históricas desse texto não é de modo algum secundário, mas constitutivo das próprias significações”.

O conceito de fala

O conceito saussuriano de fala é um dos pontos em que as leituras de Bakhtin e Pêcheux se aproximam. Os referidos autores defendem argumentos semelhantes, devido, a nosso ver, a sua orientação sociológica materialista.

Voloshinov (1979, p. 94-5) declara a respeito do conceito de fala:

[...] ao considerar que só o sistema linguístico pode dar conta dos fatos da língua, o objetivismo abstrato rejeita a enunciação, o ato de fala, como sendo individual. Como dissemos, é esse o *proton pseudos*, a “primeira mentira”, do objetivismo abstrato. [...] Na realidade, o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social.

Para Pêcheux, a fala, em oposição à língua, não seria um conceito, mas um resíduo não-científico da teoria saussuriana.

Assim, a oposição língua/fala, historicamente necessária à constituição da linguística traz consigo uma certa ingenuidade de Saussure [...]. Essa ingenuidade repousa sobre uma ideologia individualista e subjetiva da “criação”, cujos afloramentos reconhecemos em correntes neo-kantianas e neo-humboldtianas do século XIX alemão [...]. (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 20)

A noção de fala como individual tem duas consequências, para Pêcheux. Ela “autoriza a reaparição triunfal do sujeito falante como subjetividade em ato, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição” e, além disso, aparece como “um caminho da liberdade humana” (PÊCHEUX, 1997b, p. 71).

Vale ressaltar que, para Voloshinov, a origem do pensamento saussuriano está somente nas teses do objetivismo abstrato e do racionalismo, as quais são diametralmente opostas às ideias do subjetivismo idealista, corrente da qual fazem parte as teses de Humboldt. Já para Pêcheux, no pensamento de Saussure, encontram-se ideias próprias das duas correntes de pensamento, sendo que a noção de fala seria herdeira do pensamento subjetivista, conforme passagem citada mais acima.

Como se vê, Pêcheux e Voloshinov criticam Saussure pela ideia de que a fala é a expressão do pensamento individual de um sujeito que tem liberdade no uso que faz da linguagem, que é a fonte do sentido. Para eles, as práticas de linguagem dos sujeitos são sempre determinadas socialmente.

Considerações finais

Dissemos no início que Pêcheux e Voloshinov leem Saussure com o objetivo de pensar um novo objeto teórico, que permitiria abordar os problemas que perseguiram – no caso de Pêcheux, o discurso; no caso de Voloshinov, o enunciado ou, ainda, a interação verbal. A análise crítica dos conceitos do CLG feita pelos autores conduz a duas atitudes distintas quanto a Saussure.

Pêcheux busca em Saussure, tomado como fundador de uma ciência, elementos conceituais, como os conceitos de língua e fala, para definir o discurso. Esses elementos deveriam constituir o ponto de partida para pensar outros problemas e fazer *deslocamentos*. Pêcheux, no entanto, não propunha o abandono do que fora formulado por Saussure: a linguística, enquanto ciência da língua, tinha seu lugar e deveria continuar sua história. Vários de seus conceitos e métodos poderiam ser aproveitados na teoria e na análise do discurso, especificamente na fase de análise linguística do *corpus*.

Voloshinov, diferentemente, rejeita a validade e a pertinência dos conceitos saussurianos para a definição do objeto de estudos do campo linguístico. É com base na negação das teses de Saussure que o autor constrói sua concepção da interação verbal, realizada através dos enunciados, como a essência da linguagem (Cf. VOLOSHINOV, 1979, p. 109). Tal posição, entretanto, não se aplica exclusivamente a Saussure, mas também às teses do subjetivismo idealista. Questionando se a solução para o problema (isto é, “o verdadeiro núcleo da realidade linguística”) estaria num compromisso com as duas correntes, numa espécie de meio-termo, Voloshinov argumenta:

Acreditamos que aqui como em qualquer lugar a verdade não se encontra exatamente no meio, num compromisso entre a tese e a antítese; a verdade encontra-se além, mais longe, manifesta uma idêntica recusa tanto da tese como da antítese, e constitui uma síntese dialética. (1979, p. 94)

A proposta do autor de fazer uma “síntese dialética” entre as teses do subjetivismo idealista e as antíteses do objetivismo abstrato implica necessariamente a recusa de ambas as posições cotejadas; não é um meio-termo compromissado, mas uma *mudança*. Sendo assim, para o estudo da linguagem, segundo Voloshinov, deveria haver uma reformulação radical do pensamento linguístico e a constituição de uma *filosofia marxista da linguagem*.⁴

Apesar de Saussure aparecer como uma referência positiva no trabalho de Pêcheux, pode-se afirmar que as propostas de Pêcheux e de Voloshinov se assemelham quanto ao fato de não se caracterizarem como um desenvolvimento da Linguística, tratando daquilo que Saussure teria “excluído” ou postergado – a fala.

Consideremos as seguintes palavras de Pêcheux (1988, p. 91):

[...] *a discursividade não é a fala* (parole), isto é, uma maneira individual, “concreta” de habitar a “abstração” da língua; não se trata de um uso, de uma utilização ou da realização de uma função. Muito pelo contrário, a expressão *processo discursivo* visa explicitamente a recolocar em seu lugar (idealista) a noção de fala (parole) juntamente com o antropologismo psicologista que ela veicula.

⁴ Quanto a esse ponto, há uma diferença entre as posições de Voloshinov e as de Bakhtin. Este último sustentava que a Linguística e a Metalinguística (“teoria” das relações dialógicas) seriam dois campos de investigação paralelos e complementares, reconhecendo a legitimidade das proposições de Saussure e sua pertinência para com os problemas visados quando de sua formulação.

O que o autor busca enfatizar nessa passagem, rebatendo uma tese que algumas vezes se insistiu em defender, é que o conceito de discurso não visa a ser uma reformulação, mesmo uma “correção”, do conceito de *fala* saussuriano. O mesmo pode ser dito do conceito de enunciado/enunciação ou, ainda, de interação verbal, formulados por Voloshinov e o grupo bakhtiniano: trata-se de objetos cujos elementos constitutivos são não apenas linguísticos, mas também sociológicos. Trata-se de objetos externos ao campo linguístico estrito.

Com base no exposto, entendemos que tanto AD de Pêcheux quanto a filosofia da linguagem de Voloshinov não estão em continuidade com a teoria de Saussure.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGEEVA, Inna. La critique de F. de Saussure dans *Marxisme et philosophie du langage* de V. N. Vološinov et le contexte de la réception des idées saussuriennes dans les années 1920-1930 en Russie. *Cahiers de l'ILSL*, Lausanne, n. 26, p. 73-84, 2009. Disponível em: <http://www2.unil.ch/slav/ling/recherche/biblio/09REVESID/006ageeva.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. O discurso no romance. In: _____. *Questões de literatura e de estética*. 3. ed. São Paulo: Editora da UNESP / HUCITEC, 1993. p. 71-210.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. [1952-3]. p. 277-326.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. 2. ed. Curitiba: Criar, 2006a.

_____. Voloshinov: um coração humboldtiano? In: FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006b. p. 125-132.

FLORES, Valdir. Dialogismo e enunciação: Elementos para uma epistemologia da linguística. *Linguagem e Ensino*, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 3-32, 1998. Disponível em: <<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v1n1/valdir6.PDF>>. Acesso em: 28 jul. 2010.

GREGOLIN, Rosário. Pêcheux, Bakhtin, Foucault: singularidades, espelhamentos. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 33-52.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.) *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 13-32.

IVANOVA, Irina. Les sources de la conception du dialogue chez L. Jakubinskij. *Texto!* [s.l.], v. 8, n. 4, 2003. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/Inedits/Ivanova_Jakubinskij.html>. Acesso em: 03 mar. 2010.

MARCELLESI, Jean-Battiste; GARDIN, Bernard. *Introdução à sociolinguística*. Lisboa: Aster, 1975.

PÊCHEUX, Michel. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 2, p. 7-32, 1999.

_____. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 311-319.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b. p. 61-161.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

VOLOSHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1979.